

ARCELINA HELENA PÚBLIO DIAS

MEMÓRIA E LIBERTAÇÃO

**CAMINHOS DO POVO E OS MURAIIS DA PRELAZIA
DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA**

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Prefácio

Do coração da terra e da água

Uma tradição nobre da prática jornalística consiste na produção de livros-reportagem que exibem, em primeiro plano, retratos consistentes da vida real da maior parte de uma sociedade – a de populações distantes dos centros de poder – populações formadas por pessoas comuns, de carne e osso, sem nenhum resquício da maquiagem artificial que realça as faces conhecidas das celebridades que povoam as páginas das revistas e dos jornais.

Essa tradição tem certa dose de abordagem sociológica, uma vez que busca construir paisagens de determinado momento histórico, habitadas por pessoas peculiares, cuja história nos traz entendimento sobre questões relevantes, assim como nos desnudam os desafios, os dramas e as conquistas escondidos por trás das cenas cotidianas. Nela, a figura humana é retratada com fidelidade e vigor narrativo, afinal são pessoas que fazem a história acontecer.

Cabe ressaltar também a postura ativa do repórter em busca da realidade. Para isso, o repórter não apenas ouve seus personagens e tenta reconstituir casos e episódios com base em documentos cuidadosamente pesquisados, mas também mergulha na realidade para captar – pela própria vivência, pela observação e pela interação com os outros, da maneira mais completa e fiel possível – aqueles momentos reais de vida que se transformarão em sua futura reportagem de campo.

Esse tipo de ação jornalística vem sendo adotado pela sociedade moderna desde o fim do século XIX e início do XX, quando

repórteres-autores têm se inserido nos mais diversos e remotos territórios para reproduzir situações que nos trazem uma luz sobre o mundo em que vivemos – certamente um mundo de contrastes e diversidade humana, social, geográfica, cultural.

Em muitos casos, esse tipo de jornalismo foca naqueles que normalmente são desprezados pelo interesse centralizador do poder político, econômico e cultural. Assim, flagra situações que são pouco reveladas ou que às vezes passam despercebidas do público por não serem exploradas de maneira adequada. Só para citar um exemplo internacional, vale mencionar o caso do célebre jornalista e escritor George Orwell, autor do conhecido livro *1984*. O autor foi viver em condições precárias em Londres e em Paris a fim de reproduzir um retrato social da miséria dessas duas metrópoles que, na época – primeira metade do século XX – eram consideradas símbolos do poder econômico, político e cultural mundiais e viriam a influenciar o mundo. No Brasil, cabe citar os casos pioneiros de Euclides da Cunha, com seu monumental *Os sertões*, e João do Rio, com sua série de livros sobre o Rio de Janeiro, que também começava a passar por um rápido processo de modernização no início desse mesmo século, trazendo junto uma série de implicações sociais transformadoras.

Dessa forma, prezado(a) leitor(a), é nas águas dessa tradição jornalística que navega a autora Arcelina Helena Públio Dias neste livro que agora está em suas mãos, trazendo, como resultado, um retrato vivo de uma parte do coração central do Brasil.

A região atendida pela Prelazia de São Félix do Araguaia é seu território. Sete cidades de um vasto espaço – entre elas Ribeirão Cascalheira e a capital de seu Estado, Cuiabá, a nada menos que 960 quilômetros de distância. Nesse lugar, onde possivelmente caberiam pelo menos uns dois pequenos países europeus, tudo é unido de forma temática por uma obra cultural/religiosa singular: os onze murais de autoria de Cerezo Barredo, encomendados por Dom Pedro Casaldáliga, que não só embelezam as igrejas da região como revelam visualmente as histórias de seu povo.

Seguindo esse fio condutor, fazendo analogia à arte plástica, a autora tece a própria série de murais narrativos, dos quais emergem personagens e situações, lugares e histórias, contrastes e belezas, dramas, perdas e vitórias.

Entre seus personagens estão: Tilui, a poetisa e empresária saída das entranhas do povo e do destino social que a vida lhe desenhou; Natural, o guia de turismo ecológico, filho de outra personagem de destaque, Erotildes; e o casal de rezador e benzedeira formado por Paulo e Helena. Trata-se de brasileiros de diferentes matizes que compõem o quadro de Arcelina, como o gaúcho Irineu Osvaldo Schneider, os povos nativos, como a venerável Tokyna, e os descendentes de todas as raças.

As cidades e aldeias são como personagens também: desde Luciara até a aldeia de São Domingos, de Santa Terezinha até a aldeia Tapirapé. E a autora, totalmente envolvida em sua missão de descoberta, também é personagem, especialmente no episódio em que, após sofrer um acidente e ter o braço quebrado, vive o drama de seus personagens quando precisam recorrer ao precário sistema de saúde que os atende.

As questões de fundo revelam a lamentável realidade do trabalho escravo, a violência no campo, o trabalho das rádios comunitárias, o trabalho das mulheres que se organizam para conquistar o próprio lugar na sociedade.

Enfim, este livro mostra um Brasil de histórias de força, um Brasil de necessidades primárias, um Brasil de soluções criativas empolgantes, longe dos holofotes do poder central. É um Brasil que tem muito a ensinar e a ser reconhecido por meio das histórias que compõem a peregrinação da autora pelo resgate da dignidade anônima de tantos cidadãos e cidadãs cujas vidas dizem muito mais do que os falaciosos números estatísticos ou os meros relatos da história oficial.

Edvaldo Pereira Lima

É escritor, jornalista e professor da Universidade de São Paulo (USP). É cofundador da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (www.abj.org.br) e criador do método Escrita Total de redação espontânea.

Prólogo

*Gente simples, fazendo coisas pequenas
em lugares sem importância,
consegue mudanças extraordinárias.*

(Dom Moacyr Grechi, bispo de Porto Velho,
XII Intereclesial em Porto Velho, Rondônia, 2009)

De 1977 a 2001, em sete cidades da Prelazia de São Félix do Araguaia, no norte de Mato Grosso, oito igrejas e um memorial tiveram suas paredes pintadas com temas que fazem analogia ao Reino de Deus e à luta do povo pelo direito à vida, à terra e à justiça. O mentor da ideia de preservar a história por meio de enormes murais foi o primeiro bispo da Prelazia, Dom Pedro Casaldáliga. Esse espanhol da Catalunha chegou ao povoado de São Félix em 1968, em plena ditadura militar. Inspirado no Concílio Vaticano II e na Teologia da Libertação, enfrentou militares e grandes grileiros, na defesa do povo pobre e simples da região.

Maximino Cerezo Barredo, sacerdote e artista plástico, reconhecido nos cinco continentes com obras espalhadas por dezenas de países, principalmente na América Latina, aceitou o desafio proposto por Dom Pedro Casaldáliga. O bispo e o padre são da mesma congregação dos claretianos e já haviam trabalhado juntos na Espanha, na revista *Iris*. Ambos conheciam e admiravam a beleza e a força dos vitrais das centenárias catedrais europeias que fazem a memória da história da Salvação.

Maximino esteve na Prelazia dezenas de vezes ao longo desses 25 anos. Em pequenas e modestas igrejas das jovens cidades com poucos habitantes e majoritariamente pobres, Cerezo Barredo materializou nos murais o rosto dos povos e das culturas, suas lutas e suas vidas movidas pela fé no Deus dos pobres.

Em 2004, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) tombou o conjunto dos onze murais com o mesmo objetivo de preservar não só as obras de arte, mas também a história pouco conhecida desse povo que desbravou o Brasil central. O encaminhamento para que os murais fossem tombados foi iniciativa do Bispo Dom Leonardo Ulrich, que substituiu Dom Pedro Casaldáliga nesse ano de 2004: “O tombamento garante a preservação das obras e proporciona ganhos para a região e o conseqüente aumento do fluxo de pesquisadores e turistas”.

“O povo sem memória não merece viver”, afirma Casaldáliga, 84 anos, em São Félix do Araguaia, onde continua morando na condição de Bispo Emérito da Prelazia. Ele já decidiu que será enterrado no abandonado cemitério Carajá, à beira do Araguaia, “pois ali estão muitos índios desconhecidos que perderam a vida na defesa de sua Mãe Terra”.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) reconhece que o patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração e constantemente recriado pela comunidade, dá sentido de identidade. O Decreto nº 3.551, de 2000, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial como patrimônio cultural brasileiro.

Há 2 mil anos, Jesus de Nazaré – quando provocado por fariseus que exigiam que Ele mandasse o povo se calar – replicou: “Se eles se calarem, as pedras gritarão!” (Lucas 19,40). Em seu seguimento, os apóstolos Pedro e João responderam às autoridades dos judeus que os ordenavam não mais falar sobre o Mestre Jesus: “Não podemos nos calar sobre tudo o que vimos e ouvimos” (Atos 4,20).

Na América Latina, são constantes as manifestações culturais visando à preservação da memória da luta do povo durante os anos de ditadura. A cineasta Carmem Castilho Echeverria, do Chile, que assistiu horrorizada à queima de livros pela polícia de seu país, foi premiada pelo seu filme *El tesoro de América – El oro de Pascua Luma*. Ela relembra a luta que seu povo iniciou pela ocupação da terra, em 1971, espontaneamente, todos movidos pela fome: “Mas eu não tive direito à existência até que me organizei”, explica.

Na Prelazia, ouvi depoimentos, em diferentes cidades, de pessoas que viveram processos semelhantes. Algumas, principalmente as mulheres, transformaram suas experiências de vida em monografias para a conclusão de cursos universitários.

Pedro Casaldáliga e seus colaboradores foram os motores na organização do povo. Ele continua insistindo na importância da preservação da memória. Na última peregrinação ao Memorial da América Latina, em Ribeirão Cascalheira, em julho de 2011, com voz débil, reafirmou suas certezas: “Não se esqueçam dos nossos pobres... O desânimo também é pecado; não podemos desanimar... Lembrar é combater... Esquecer é permitir”.

Nos Estados Unidos, Martin Luther King afirmou: “O que me preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem caráter, nem dos sem ética. O que mais me preocupa é o silêncio dos bons”.

Quando me aposentei, como jornalista e professora da Universidade de Brasília, fui morar na cidade de Goiás, movida pelo encantamento que me levou à conversão à radicalidade do Evangelho de Jesus. Fui acolhida pelo Mosteiro da Anunciação, que muito contribuiu para o aprofundamento da minha espiritualidade. Era o último ano do século XX. Em 2000, celebrava-se o Jubileu. Esse costume, inspirado nos textos bíblicos do Primeiro Testamento, repete-se a cada cinquenta anos. A Igreja Católica animava seus fiéis a peregrinar nas grandes

catedrais e nos lugares sagrados. Ao instalar-me na periferia de Goiás, eu fiz minha opção pelos pobres, pelos mais necessitados. Entretanto, continuava jornalista. Por isso, decidi peregrinar no meio dos pobres e sofredores, onde eu acredito encontrar Jesus, o Nazareno, que nasceu de uma mulher pobre e morreu crucificado, após um julgamento político. Em 1999, dei início ao projeto de realizar cinco peregrinações pelos cinco continentes para escrever cinco livros, ao longo de quinhentos dias. Eu apenas dava os primeiros passos para entender o Reino de Deus pelos olhos da Teologia da Libertação.

O Concílio Vaticano II deixou heranças que continuam iluminando o caminho de muitos cristãos e fortalecendo teólogos, sacerdotes, leigos e leigas que vivem a sua fé segundo a Teologia da Libertação. O teólogo e Sacerdote Pablo Bonavia refere-se a duas principais heranças do Concílio Vaticano II: “Fazer teologia é ler os sinais dos tempos, através da ação do Espírito. O povo de Deus é sujeito do fazer teológico e eclesial. Todos e todas temos o mesmo carisma profético. A hermenêutica dos pobres, porém, nos ensina que há coisas no mundo que só se veem a partir da perspectiva dos excluídos”.

No primeiro livro de peregrinações, *Sinais de esperança*, conheci os excluídos das três Américas – os sem-teto dos Estados Unidos, os meninos de rua da Colômbia, os desempregados do México, que se arriscavam a viver sem documentos atravessando o Rio Grande, entre outros sofredores. Na segunda peregrinação à África e ao Oriente Próximo, convivi com os pobres, os sem paz, os sem pátria, os condenados a morrer de fome ou de Aids. Escrevi *Perdão, África, perdão!* Em 2006, fui para a Europa peregrinar pelos mosteiros das diferentes igrejas e religiões. Entre monges e monjas que optaram pela autoexclusão do mundo, dedicando-se às orações, meditações e práticas de uma vida simples, longe do consumismo e de toda a agitação de nosso século, aprendi soluções simples para os problemas que criamos. Foi então que escrevi *Além do silêncio*.

A presente peregrinação ao coração do Brasil foi no segundo semestre de 2010 e durou setenta dias. Guiada pelos murais de Cerezo Barredo, mergulhei em um mundo distante das realidades transmitidas pelos meios de comunicação. Pela força de seus traços e da trama dos personagens bíblicos e populares dos murais, encontrei o povo. Os pioneiros, os índios, os que se organizaram em sindicatos e partidos políticos, os bem mais velhos e também os jovens que enfrentam novos problemas foram minhas fontes de informação.

Como sempre, nas peregrinações, procurava entender a realidade iluminada pela espiritualidade bíblica e pela sabedoria acumulada pelo povo, com profundo respeito por tudo e todos. Moisés ouviu Deus dizer-lhe: “Tira teus sapatos dos pés porque a terra que você está pisando é sagrada” (Êxodo 3,5). Foi assim que eu pisei na terra sagrada e abençoada da Prelazia de São Félix.

Em cada uma das cidades, encontrei semelhanças, vividas e contadas por diferentes pessoas. E também histórias que transformaram essas vivências semelhantes em realidades únicas que jamais podem ser esquecidas: os saberes, enraizados no cotidiano das comunidades, as celebrações, as festas, o trabalho em mutirão, as diferentes formas de expressão e os lugares onde se reproduzem essas práticas culturais coletivas – as ruas, praças, mercados, santuários. Com imenso cuidado, segui cada passo ao peregrinar e cada palavra ao escrever este livro.

Pé na estrada

O martírio é um tema forte na Prelazia. São milhares de índios massacrados, caboclos anônimos que resistem pela terra e lideranças organizando o povo para as lutas. O martírio tem sido, também na minha vida, um pensamento recorrente desde a infância. Aos 6 anos quando me preparava para a Primeira Comunhão, encantava-me a ideia de que o batismo de sangue me levaria, como um foguete, para os braços de Jesus. Sem passagem pelo Purgatório, que me horrorizava.

Nesta peregrinação, no entanto, desejo confirmar a razão da minha vida: a fé no Reino de Deus, na justiça e no respeito à diversidade e na luta pela paz, na solidariedade aos sofredores e na coragem da entrega total para deixar-me morrer quando chegar a minha hora.

Para partir peregrinando, preparo a mala com pouca roupa, mas muitos apetrechos: *laptop* velho e pesado, câmera fotográfica e gravador digitais novos, celular velho, cadernos de contato, roteiros e documentos. Deixo em mãos amigas a Casa do Menino Jesus, onde moro, e o Jardim da Transfiguração, onde cuido da preservação ambiental. Vou me despedindo de amigos e das amigas e administrando saudades. Como nas demais peregrinações, antes da partida, recebo a Bênção do Envio. Pensei realizá-la na Catedral de Goiás, onde há cinco enormes painéis de Cerezo Barredo. Entretanto, os anjos me levaram por outro caminho. A presença das pessoas simples da nossa comunidade de base “Evangelho é Vida” são, para mim, de grande importância. Às quintas-feiras, nos reunimos nas casas de diferentes famílias da comunidade para rezar, meditar o Evangelho e partilhar nossas vidas. Não foi difícil conseguir para aquela quinta-feira, 12 de agosto de 2010, antevéspera da minha partida, que o nosso encontro fosse na Casa do Menino Jesus. Dom Eugênio Rixen, nosso bispo, com a agenda sempre tão cheia, estava disponível para aquela data.

No final do nosso encontro, Dom Eugênio me chamou ao centro e, diante do Santíssimo, deu-me a Bênção do Envio. Também recebi alegres bênçãos das pessoas que lotaram a capelinha. Entre elas, duas italianas que sempre nos visitam: Nádia, que nos acompanhou na excursão a São Félix em 2008, e Sônia, do projeto italiano *Modena Terzo Mondo*. É costume de nossa comunidade terminar os encontros cantando “Esta casa será abençoada”, batendo palmas animadamente, para a alegria das crianças, e enviando com os braços uma boa energia para os quatro cantos da casa. A canção vai se repetindo várias vezes para abençoar as famílias, as crianças, os vizinhos, as visitas... Fui dormir sentindo-me realmente uma pessoa abençoada por poder realizar mais esta peregrinação.

Parti no sábado, 14 de agosto, em direção à Barra do Garça, onde o Araguaia recebe as águas do rio Garça. Olhar pela janela do ônibus o caudaloso Araguaia, rio que me acompanharia ao longo desta peregrinação, emocionou-me. Em Barra, deveria pegar outro ônibus às 21h30 para São Félix, o primeiro destino da peregrinação. Por causa das inúmeras paradas, só chegaria no domingo, às 9h30, a tempo de me instalar e participar do último dia da festa da padroeira, Nossa Senhora da Assunção.

Passei esse longo intervalo de tempo entre um ônibus e outro na casa das irmãs claretianas. Eu sabia que na singela capela da casa encontraria um mural pintado por Cerezo. Só não contava encontrar uma amiga entre as claretianas: a irmã Cida, companheira de Estudo Bíblico da IX Turma do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (Cebi). Ela morou dez anos em São José do Xingu e me deu muitas informações sobre essa cidade, parte do meu roteiro.

Bolo de milho quentinho e café me esperavam. Depois, na capela, demorei-me em oração. O mural do Cerezo ocupa todo o espaço da parede do altar que envolve o sacrário. Do lado esquerdo, Jesus tem, a seus pés, duas irmãs, vestidas como as mulheres do povo, levando cestas com os dois peixes e os cinco pães. (Mt, 14) No alto, a frase que diz respeito à missão das claretianas: “Dos pés de Jesus saí para evangelizar os pobres”. E, do lado direito, homens, mulheres, crianças do povo, com características de negros, brancos e índios, ao lado de suas enxadas e uma panela vazia, como se esperassem a multiplicação dos pães e peixes. A frase escrita no alto completa a proposta claretiana: “E voltai para fortalecer o Espírito”. No centro do mural, no alto, o Espírito Santo está retratado na forma de pomba, sobre o sacrário envolto em uma colorida mandala de temática indígena. Esses dois temas – a pomba e a arte indígena – eu encontraria praticamente em todos os murais de Cerezo Barredo.

Eu estava feliz! As irmãs saíram para cumprir seus afazeres, e eu aproveitei para ir até a margem do rio Araguaia. Uma arara-azul me chamou a atenção com fortes grunhidos... Ela voou até um cajueiro repleto de enormes frutos vermelhos. E ficou ali esperando a minha foto colorida. É claro que registrei.

No porto do Baé, assisti ao pôr do sol, com voo de garças, pombas, andorinhas e gaivotas. Cachorros nadavam na margem à minha frente. Do outro lado do rio, veranistas aproveitavam os últimos raios de sol, ao lado de barracas armadas na areia e dentro da água. Passavam alguns barcos, e tive direito até a um *show* de *jet-ski*. Carros estacionados nas proximidades das lanchonetes, com chapas de diferentes Estados, mostravam que essa cidade cumpre bem sua vocação turística.

Arcelina Helena Públio Dias
Goiás, 16 de fevereiro de 2012,
aniversário de 84 anos de Dom Pedro Casaldáliga

Capítulo I

São Félix do Araguaia, onde tudo começou

*Quando a gente olha o mural da Catedral,
fica mais alegre.
Quando a gente cansa do padre falando, olha
para o painel, aquele povo carregando a cruz.
E a gente pensa na nossa cruz.
E fica assim assuntando...*

(Dona Joana)

A longa viagem até São Félix começou em estrada de asfalto até Ribeirão Cascalheira e depois foi por terra, na escuridão. Em muitas paradas, evitava descer, para não perder o embalo de um sono tão tênue. Para um cafezinho, já de manhã, fui a um boteco às margens do rio Xavantina – lindo, largo, profundo.

Em São Félix, fui direto para a casa dos Bispos Pedro (ele não gosta de ser chamado de Dom) e Dom Leonardo Usteiner. Os velhos amigos ainda chamam a residência dos bispos de “casa do Pedro” ou “casa da equipe”. Lá moram também as irmãs claretianas Leonira e Cremilda. Naqueles dias, Glória, a sobrinha do Bispo Pedro, e sua amiga Montserrat, da Espanha, estavam lá hospedadas no único quarto disponível. Por isso, prepararam um quarto para mim no Centro Comunitário Tia Irene, à beira do rio Araguaia. Esse Centro, originalmente, foi Ginásio Estadual do Araguaia. Sua construção ocorreu sob as ordens do Bispo Pedro. Poucos anos após a sua chegada à Prelazia, foi violentamente fechado pela ditadura. Depois, as antigas salas de aula

se transformaram em quartos para dormir e salas para hóspedes e para muitos encontros ali realizados.

Durante o dia, muita gente trabalha no centro. À noite, no entanto, como não estava ocorrendo nenhum encontro, eu ficava totalmente só naquele enorme espaço. Organizei-me, então, deixando uma luz acesa na entrada do prédio em que estava e outra no refeitório, do outro lado de um grande gramado, de onde eu buscava água gelada. Não havia cadeado no portão que dava acesso aos bares da orla, abertos até a madrugada. E com todas as consequências inerentes. Embora tivessem me garantido de que não havia perigo, senti medo. Depois percebi que de nada adiantaria o meu medo. Rezei e dormi. Acordava apenas no dia seguinte, com o sol nascendo do lado da ilha do Bananal – “a maior ilha fluvial do mundo”, segundo informação do povo.

O calor que me assustou em São Félix, ao colocar meus pés nessa santa terra, viria a ser minha provação diária durante toda a peregrinação. Acho que só em Tambacunda, no Senegal, senti algo semelhante. No meu quarto, consegui que fosse colocado um ventilador, que também expulsava os mosquitos e fazia barulho para que eu não me sentisse tão só.

Na falta de geladeira, eu me virava com pequenas compras feitas nos mercadinhos todos os dias. Levava alguma fruta, suco de caixinha, biscoitos etc. Logo descobri um fato que se repetiria nas demais cidades do meu trajeto: a maioria das verduras e frutas vendidas nos mercados é importada de Goiânia – a aproximadamente mil quilômetros. São raros os casos de oferta de frutas e verduras locais. É uma solução precária que eleva demasiadamente o preço dos produtos; o abastecimento ocorre apenas uma vez na semana e, com o calor, logo tudo acaba estragando. O pior é que isso não gera renda local nem promove o trabalho rural. Quando eu me espantava, arregalando muito os olhos, os moradores logo me acalmavam:

Aqui o povo não gosta de plantar, fazer horta, mas ninguém passa fome. Basta ir para a beira do rio e pescar por uma semana.

O povo aqui não gosta de legumes e verduras. Basta arroz, feijão e carne.

Isso aqui é igual aldeia de índio. Todo mundo é parente ou compadre. Quando alguém está com fome, o outro vai lá e dá o que tem.

De fato, por onde passei, não vi ninguém pedindo esmola, nem crianças de rua com cara de abandonadas ou famintas.

Como nas demais peregrinações, organizei os meus encontros durante o dia e, à noite, ficava no quarto para ler, escrever e me organizar para o dia seguinte. Isso quando a luz não acabava. Acordava cedo para participar da oração de Laudes na casa do Bispo Pedro, às 7h30. Seguíamos o Ofício das Comunidades, comentávamos um pouco o Evangelho do dia e cantávamos mantras. Todos os da casa, os hóspedes e os demais membros da equipe que moram em casas próximas estavam sempre presentes. Era muito bom começar o dia naquela capelinha tão simples, em meio a tantas árvores, cheia de símbolos que nos lembravam os compromissos dessa Prelazia com os pobres e os injustiçados. O café ficava na mesa da cozinha, antes e depois da oração, de forma que quem entrasse poderia se servir.

O almoço do primeiro dia foi na praça, diante da catedral onde a comunidade estava reunida, confraternizando no último dia da novena de Nossa Senhora da Assunção. Ao anoitecer, a procissão iniciou-se no passeio público ao longo do Araguaia, onde foi erguida uma gruta com a imagem de Nossa Senhora. Ali havia sido construída a primeira capela, dedicada a São Félix, o outro padroeiro da cidade ao lado de Maria.

Histórias e memórias do início da formação da cidade, na primeira metade do século passado, estão presentes na lembrança dos velhos e dos mais novos que os escutam – e também nos locais preservados pelo ritmo ainda lento do progresso. As pessoas têm prazer em contar histórias, acrescentando detalhes e dando suas interpretações.

Os organizadores da procissão colocaram diante da gruta da Santa algumas cadeiras. Como fui uma das primeiras a chegar, sentei-me na primeira fileira, de onde podia olhar a santa e apreciar a noite se aproximar, escurecendo as águas do Araguaia. Ao meu lado, sentou-se dona Erotildes, professora aposentada, escritora e poetisa. A conversa iniciou-se naturalmente. Cada uma respondendo à curiosidade da outra. Eu disse a ela que o objetivo da minha viagem era escrever sobre a região com base nos murais de Cerezo Barredo. Ela me contou um resumo de sua vida: nasceu em Luciara, foi estudar em Barra do Garça, depois em Goiânia, voltou para Luciara e, já há bastante tempo, vive em São Félix. Casou-se, teve filhos e netos, trabalhou e escreveu muitos livros. Ela conheceu Cerezo Barredo: “Ele saía na rua olhando bem para as pessoas, para depois fazer os murais com as fisionomias de cada um. A Nossa Senhora das Graças, em Luciara, tem as feições da então menina, vizinha da igreja e que gostava de ficar olhando o Padre Cerezo pintar e fazia muitas perguntas. Ela se chamava Giselda e era filha adotiva do meu tio e da tia Benvinda”.

Quando a procissão começou, eu já estava com o endereço de sua casa. Seguimos a avenida Araguaia, paralela ao rio, e entramos na rua larga, cheia de comércio, que termina em frente à catedral.

A celebração da Eucaristia desse último dia da festa da Assunção esteve a cargo do pároco Padre Paulo Gabriel. O Bispo Pedro estava lá, com roupas comuns, no meio dos fiéis. Desde que deixou de ser bispo, passou a celebrar apenas na Igreja de São José, na periferia.

O Evangelho do dia (Lucas 1,30-56) relata a visita de Maria a sua prima Isabel. Ambas esperavam o nascimento de seus filhos. Isabel, mãe do profeta João Batista, e Maria, mãe de Jesus, o Filho de Deus. O texto traz a alegria desse encontro e a profecia dos pobres, o *Magnificat*, cantado por Maria. Em sua homilia, o Padre Paulo lembrou que a Prelazia de São Félix completaria 40 anos em 2011 e contou como sua história foi escrita com a participação de tantas pessoas que passaram por estas terras, dando

a própria vida pela causa da justiça. Os fiéis foram convidados a lembrar os nomes dessas pessoas, pois “não podemos perder a memória”. Com a alegria de estar em uma comunidade em que não é somente o padre que fala, ouvi nomes pipocando do meio da multidão que lotava a catedral: Pedro, Manoel, Irmã Irene, Noêmia, Teça, Pedrito, Paulinho, Dionísio, Pontin...

Depois vieram outros nomes importantes para a vida da comunidade, como as professoras e os líderes dos movimentos populares. O padre concluiu dizendo que, assim como Maria aceitou sua missão de ser a mãe do Salvador, muita gente da Prelazia também deu o seu “sim” ao longo destes quarenta anos: “Como Maria no seu *Magnificat*, a Prelazia sempre foi solidária com as grandes causas da humanidade: a justiça, os pobres, os indígenas, os direitos humanos, a mulher, o meio ambiente, os presos, idosos e doentes”.

O padre agradeceu à comunidade e às pessoas que realizaram a festa, criando um ambiente agradável a todos: “A vida tem de ser comunitária. Vida sozinha não tem graça... A gratuidade, a atenção às necessidades dos outros, no seguimento de Jesus, fazem de nós verdadeiros cristãos, verdadeiras cristãs”.

O pintor e o poeta

Além de participar da liturgia, meu coração e os meus olhos deparavam com o grande painel de cores vivas que ocupava toda a parede atrás do altar. “A Páscoa de Cristo e a Páscoa do Povo” foi o nome dado a esse primeiro mural pintado por Cerezo Barredo na Prelazia, em 1977. Senti uma forte emoção diante desse mural, o primeiro que via com os meus olhos peregrinos. Já tinha estado nessa igreja e na Prelazia duas vezes, mas sempre na correria. Agora, teria setenta dias para admirar e perceber nesses murais a caminhada e o coração desse povo. Eram momentos de emoção, ao longo da missa, quando descobria detalhes dos traços e da mensagem transmitida pelos murais.

Parei diante de um mural belo, colorido, forte e que traz para o povo sofrido deste Centro-Oeste brasileiro a Boa-Nova da Páscoa de Cristo e a

esperança da Páscoa do povo. Glorioso, o Cristo Ressuscitado é o guia de homens, mulheres e crianças das três raças brasileiras, gente com cara de povo e olhar às vezes perdido, roupas simples, pés no chão. Eles carregam uma enorme cruz, mas que não lhes parece tão pesada, pois a carregam em mutirão com o Ressuscitado à frente iluminando seus passos. Do lado esquerdo, em pequeno espaço bem visível, um vilarejo pobre, porém belo, com céu azul. Do direito, as cercas revelam um terreno queimado, triste, sob um céu escuro. São as opções que se colocam para o povo de Mato Grosso. E nos demais murais as características se repetiam: o bem sempre à esquerda, e o mal, à direita.

Há ainda no teto, sobre a mesa do altar, como um baldaquino, uma enorme pomba, emoldurada com pinturas inspiradas nas tradições indígenas: é o Espírito Santo que, desde o início da criação, iluminou os caminhos do povo simples de todas as eras e lugares.

Qualquer um que chega à Prelazia sem saber sua história se pergunta: Por que criar painéis tão grandes, belos e de tanta qualidade, produzidos por um pintor de renome internacional, em cidades tão pequeninas e sem importância, neste fim de Mato Grosso, quase fronteira com o Pará?



“Dom Pedro Casaldáliga e a autora durante sua conversa.”

Ninguém melhor que o Bispo Pedro para responder a essa pergunta. Foi ele quem convidou o Padre Cerezo Barredo para fazer toda essa produção. Pedro e Cerezo pertencem à mesma Congregação dos claretianos, nome que tem origem no fundador da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, Santo Antônio Maria Claret, criada na Espanha em 1849, com o objetivo de evangelizar os povos. A congregação espalhou-se pelos cinco continentes e, no Brasil, está presente em oito Estados. Para levar a Palavra de Deus, claretianos e claretianas utilizaram os modernos meios de comunicação – editoras, jornais, revistas, rádios, TVs, internet – e também da educação – colégios, faculdades, centros de educação e serviços sociais.

Cerezo e o Bispo Pedro trabalharam juntos na edição da revista *Íris*, na Espanha. Pedro, como diretor, e Cerezo, como desenhista. Os dois, muito amigos, são companheiros fraternos até hoje e entendem o mundo pelo mesmo olhar da *libertação*.

O Bispo Pedro continua miúdo e magro como sempre foi em toda a sua vida. Costuma usar calça, camisa de cores claras e mangas curtas abotoada na frente e sandália de dedo. Essa sandália, por ser mais barata e popular, foi adotada pelos membros das equipes ao longo dos anos e passou a ser conhecida como sandália Prelazia. Um tremor nas mãos de Pedro denuncia a doença de Parkinson e o obriga a encontrar ajuda em uma bengala para se locomover melhor. Cabelos lisos, finos e quase totalmente brancos vão ficando mais raros. Além dos óculos que o acompanharam pela vida, agora usa aparelho auditivo. Sua voz é suave e baixa, mas o raciocínio continua claro, vivaz, e a memória, impressionante! É sempre muito agradável estar ao seu lado: um homem de Deus, tranquilo, que irradia muita paz. Facilmente se percebe a intimidade, o prazer e a alegria que ele sente em estar com os pobres e com aqueles que dão continuidade à luta e às causas de sua vida.

Dom Leonardo Steiner substituiu o Bispo Pedro depois de sua aposentadoria compulsória, ao completar 75 anos. Este é o limite de idade para todos os bispos, exceto o de Roma, chamado de

Papa. Como o Bispo Pedro manifestou o desejo de permanecer na Prelazia, Dom Leonardo teve a gentileza de preservar a simplicidade da casa, com suas paredes de tijolos, chão de cimento, sem armários na cozinha, quartos sem portas e separados dos outros ambientes por simples cortinas de algodão. Chamam a atenção, nas paredes, as lembranças doadas por índios e amigos de todo o mundo, sem grande valor econômico, mas carregadas de afetividade: fotos, cartazes, pequenos quadros...

A área de serviços, o ambiente mais amplo da casa, também serve de sala para as visitas. Com o teto alto coberto de telhas de zinco, ali se lavam pratos e roupa; na mesa grande, é servido o almoço. O Bispo Pedro costumava ficar um tempo lá lendo ou escrevendo – ou sentado em uma das cadeiras de fios sintéticos – tudo semelhante às casas do povo, nesta parte de Mato Grosso, e também nos bairros populares das cidades da Diocese de Goiás.

Ninguém precisa bater à porta sempre aberta. As pessoas mais simples entram para pedir a bênção ao velho bispo (é assim que o Bispo Pedro se refere a si mesmo) e contar novidades. Se a mesa está posta, são convidados a participar. Se alguém chega com fome, também não sai sem comer, seja a hora que for. Seu Paulino, o sineiro da igreja do bairro Iraque, passa por lá todos os dias. Esse homem simples, pobre, com dificuldades de se comunicar, pede a bênção ao Bispo Pedro e faz um lanche. O Bispo Pedro conversa com carinho, dá um dedo de prosa e o apresenta às visitas. Ao sair, seu Paulino pede a bênção outra vez.

Foi nesse ambiente que o Bispo Pedro conversou comigo:

Quando chegamos aqui, em 1968, percebemos que havia dois mundos: um dos pobres e desatendidos – índios, posseiros e peões, vivendo nas fazendas e nas casinhas e barracos dos vilarejos – e o mundo dos ricos poderosos: fazendeiros, que eram também os políticos tradicionais, contavam com o apoio da ditadura militar e viviam nas fazendas e também nas grandes capitais do Brasil. Automaticamente, você se define. Era impossível permanecer em cima do muro. Na dita “normalidade”, era tão clara a violência, a repressão, que você

tinha de se pronunciar. Desde o início denunciámos, escrevemos. Eu digo sempre: houve dioceses ou prelazias com mais problemas que nós. Só que não se comunicavam. Passavam-se coisas terríveis nesse fundo da Amazônia, no Nordeste, no Centro-Oeste.

A nossa comunicação, desde o início, era interna e externa. Tínhamos de nos comunicar com o povo, a maioria analfabeta. Os murais do Cerezo faziam parte desse propósito de comunicação. Pedimos para ele produzir painéis, recordando as catedrais da Idade Média que ensinavam a catequese por meio de vitrais e pinturas. Nós fizemos a catequese por meio de murais e também de cartazes, jornais e folhetos bem pedagógicos.

Da Igreja Católica, aqui na região, tinham passado padres de Conceição do Araguaia, os dominicanos, e da região de Mato Grosso, os salesianos. Mas passavam por aqui em termos de desobriga: uma vez por ano ou a cada dois anos, para comemorar a festa da Padroeira, fazer batizados e casamentos. Nós viemos para ficar, atendendo a um pedido que veio na sequência da renovação da vida religiosa, depois do Concílio. Minha congregação me designou para vir a Mato Grosso quando eu era apenas um padre missionário.

Quando o Bispo Pedro chegou a São Félix, quase todos os habitantes, exceto a maioria formada por índios, pertenciam à Igreja Católica:

Havia os Adventistas do Sétimo Dia e alguns pentecostais. Eram pequenos grupos. Com exceção do grupo que trabalhava com os Carajá já fazia tempo, não se sentia uma presença evangélica. Essa presença, no entanto, foi crescendo. Mas, com todo o respeito, na hora de definir uma posição nas lutas dos posseiros, peões e índios, eles assumiram uma postura de não se comprometer. Mais tarde, chegaram os luteranos, com os quais nos entrosamos muito bem. Houve casos muito bonitos, como, por exemplo, em Santa Cruz do Xingu (na região de São José do Xingu), onde uma só igreja servia para os luteranos e católicos. A cada semana um católico e um pastor

luterano revezavam-se. Era uma só igreja, e todos, católicos e luteranos, participavam.

Entre o povo, a experiência de igreja era pouco clerical. Os missionários que passavam nas desobrigas eram geralmente estrangeiros. O povo não conhecia um padre brasileiro. Isso tornava as práticas religiosas mais populares: festas dos santos, reza do terço. Eles não tinham o hábito de ir à missa aos domingos, porque não havia missa.

Assim como respeita os cristãos das outras igrejas, o Bispo Pedro também convive e se agrada em estar com o povo em suas devoções. Graças a essa abertura, ao longo da peregrinação, conhecemos homens e mulheres que, ao mesmo tempo, participam da luta pela libertação em uma igreja engajada e também são responsáveis pela preservação das festas e costumes tradicionais do povo:

Com a fundação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975, e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), em 1972, nós nos encontramos com irmãos e irmãs de outras igrejas de outra forma. Eram evangélicos que se comprometeram com a causa da terra e dos índios. Alguns deles fizeram estágio aqui nesta região por causa da presença dos índios. Até hoje a CPT e o Cimi continuam com a mesma abertura para as outras Igrejas. Têm sido as pastorais mais ecumênicas, tanto na Prelazia como em todo o Brasil.

Essas duas entidades fizeram questão, até com o próprio nome, de firmar que não queríamos que se implantasse um formalismo, próprio dos sindicatos e associações. Éramos simplesmente conselho, comissão pastoral, para assessorar, para denunciar, porque os índios e os posseiros não tinham possibilidade de fazê-lo. Não queríamos que se identificassem com essa ou aquela Igreja. Queríamos também uma instância para se comunicar com a própria Igreja Católica.

Havia também a comunicação para o exterior que denunciava a situação e o andamento da Prelazia. Eu escrevia cartas

circulares para alguns grupos amigos da Espanha e de outros locais do mundo que eu só podia alcançar por meio de cartas. Era uma comunicação com gente de igreja solidária e sensível aos nossos problemas.

Apenas dois anos depois de ter chegado a São Félix, quando era padre, escrevemos um relatório, “Escravidão e Feudalismo, no norte de MT”, enviado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), às autoridades do Brasil e à Nunciatura Apostólica. Eram graves denúncias de todas as barbaridades a que eu assistira e das quais tomara conhecimento nessa minha época inicial no Brasil, em plena ditadura militar. Esse documento foi o primeiro a mostrar a outra face dos fazendeiros: não como heróis do desbravamento do Oeste brasileiro, como afirmavam os militares e a grande imprensa, mas como vilões sem escrúpulos.

No primeiro ano de minha sagração como bispo, em 1971, escrevi a Carta Pastoral de denúncia: “Uma igreja na Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social”. Antes, como padre, não podia fazer isso, pois ou me cortavam a cabeça ou me mandavam de volta para a Europa. Entretanto, como era bispo... era outra coisa.

A preocupação com a comunicação logo deu origem, em 1971, ao jornal *Alvorada*, hoje, em seu quadragésimo ano. Sua linha editorial revela os acontecimentos da região e estimula a caminhada das comunidades:

O nome *Alvorada* também é histórico porque estávamos procurando o nome quando chegou o Padre Francisco Jentel (aquele que realizou muitas obras sociais em Santa Terezinha foi preso e depois expulso do País). A voadeira dele se chamava *Alvorada*: um novo sol nascendo nesta região toda.

O *Alvorada* jamais deixou de circular, mesmo nos piores momentos da ditadura e da censura. Ele traz a memória de todas as lutas do povo da Prelazia, suas dificuldades e conquistas. No

início, era apenas uma folha de papel mimeografado, datilografado pelo próprio Bispo Pedro. Depois foi crescendo, passou a ser impresso em mimeógrafo a tinta, em preto e branco. Hoje é colorido e digitalizado e impresso em Goiânia. Apesar de ser apenas um jornalzinho de Prelazia, lá de Mato Grosso, as informações contidas nele têm servido para teses de mestrado e doutorado, de diferentes faculdades do Brasil e, sobretudo, de fonte para inúmeros Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) dos universitários das faculdades hoje presentes nas cidades que visitei. Grande parte de suas ilustrações é de Cerezo Barredo, que também tem sido o responsável pelas gravuras nos cartazes, panfletos e camisetas das festas da Prelazia. O *Alvorada* é importante, pois ajuda a entender a vida do povo e suas lutas. Ele também traz desde reflexões sobre direitos humanos, meditações bíblicas engajadas, a memória viva de líderes da comunidade, até questões relacionadas à saúde, à educação e ao meio ambiente, bem como histórias que o povo escreve. O *Alvorada* chega, por meio de assinaturas, a muitos lugares da Europa. Por isso, apesar de não ter sofrido censura, foi muito perseguido: “Durante a ditadura, chegaram a produzir um jornal falsificado, que foi apresentado no *Jornal Nacional* pelo jornalista Cid Moreira. O jornal falava sobre conflitos da terra, e seus editores sofreram perseguições”.

O Arquivo e a Biblioteca, instalados no Centro Comunitário Tia Irene, completam o quadro da comunicação montado na Prelazia para dar suporte ao projeto de evangelização, com base na educação e na comunicação. Os murais de Cerezo são como os grandes *outdoors* que nos chamam a atenção à beira da estrada.

O Bispo Pedro, presente nas inaugurações de quase todos os murais, volta a falar sobre o pintor:

Cerezo, quando via uma pessoa com capacidade artística, orientava e deixava fazer alguma coisa enquanto pintava. Os artistas, geralmente, não gostavam de mostrar sua obra antes de acabar, assim como eu, em meus poemas. Ele é discreto;

não gosta de dar entrevista. E não é de dizer eu fiz isso ou fiz aquilo. Prefere que outro explique o que entendeu de sua pintura. Ele raramente a interpreta. Prefere deixar o povo ir descobrindo.

Muitas pessoas me falaram do Cerezo observador, que olhava as pessoas da região com o objetivo de se inspirar para criar seus murais. Além da professora Erotildes, que reconhece a filha adotiva de um tio, o Bispo Pedro reconheceu, no mesmo mural da catedral, um negro carregando a cruz, semelhante a um moço da comunidade:

Neste mural do Cerezo na Catedral, o tema surgiu com muita naturalidade: o povo carregando a cruz com a esperança no Ressuscitado. Nas demais igrejas que foram sendo construídas, os murais vieram depois. Em Querência, o mural denominado *Na Ceia ecológica do Reino* teve bastante resistência por parte dos sulistas.

Pedro descreve esse mural como uma espécie de missa no campo, todos sentados no chão, como se fosse uma grande refeição com banana, café, frutos da terra e ainda a presença das três raças brasileiras, índio, negro e branco, mulheres, lavradores e o próprio Cristo também no chão:

Se pedíssemos aos sulistas que decidissem o tema do mural, seria uma coisa mais tradicional, algo que eles estão acostumados a ver. O povo, em geral, acha que o Cristo deve ser como os europeus apresentaram, assim como gosta de pompa e quer que bispos usem báculo e mitra. Eu só as usava nas assembleias da CNBB. Em nossa igreja, têm sido eleitos bispos muito bons, padres que participaram da luta, mas alguns fizeram escudo de armas e, com isso, entram no esquema do poder e da hierarquia. Eu não vejo nenhuma justificativa para ter um escudo de armas, uma imitação dos nobres.

Eu, militante da não violência ativa, concordo: escudos de armas não podem contribuir em nada para a cultura da paz.

O Bispo Pedro e Cerezo conhecem e gostam da arte indígena. Cerezo reproduz, em suas pinturas e nos murais, desenhos e mandalas indígenas. O Bispo Pedro lamenta que muitos dos colonizadores que chegaram, no século passado, a essa parte da Amazônia Legal não tenham reconhecido como arte toda a pintura, arquitetura e músicas indígenas.

Na loja Monte Líbano e no Museu de São Félix, ambos na avenida Araguaia, pode-se ter uma ideia da quantidade e da variedade da cultura indígena por meio de seus artesanatos. Na rua, há também alguns índios e índias vendendo arcos, remos, bijuterias e cestas de palha. A loja Monte Líbano teve problema com a Justiça por revender artesanatos por preços demasiadamente altos, comercializando, até mesmo, peças adornadas com penas de pássaros, o que é proibido.

Nessa conversa, o Bispo Pedro deu-me ainda diretrizes para entender muitas coisas que iria encontrar pela frente. Conversamos sobre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sobre o povo e sua cultura, sobre a presença majoritária das mulheres na Igreja Católica e o futuro da Prelazia.

No final, uma lição de vida para os cristãos:

Eu digo sempre que, pelo batismo, somos sacerdotes, profetas e reis. Toda profecia deveria ser anúncio, denúncia e consolação. Ao lado da Boa-Nova que eu anuncio, há a “má nova” que eu denuncio: é tudo que existe de desespero, injustiça, marginalização, violação. E a consolação: com frequência os profetas são impelidos pelo convite de Deus: “Consolai o meu povo”. Os profetas levam a consolação de conforto com as mãos, com o coração e todo o corpo: beijando, abraçando, visitando o doente, dizendo palavras de estímulo, de conforto. Valorizando o que se tem e o que somos.

Caminhos da peregrinação

Passada a festa da Assunção, a “casa do Pedro” retoma seu ritmo de simplicidade e paz. Eu sabia que Dom Leonardo não estaria presente nesses meus primeiros dias na cidade de São Félix. Organizei-me, no

entanto, para encontrá-lo no final da peregrinação, quando eu deveria retornar à cidade. Assim, tudo me pareceu, naquela casa simples, girar em torno do Bispo Pedro.

Na minha primeira manhã na casa do Pedro, veio visitá-lo Félix Gomes, um artista plástico nascido no Piauí, que mora na Prelazia desde 1973 – “um amigo desde os primeiros anos”. Ele veio trazer duas pequenas esculturas de presente para o velho bispo. Félix, quando jovem, participou do grupo de teatro da Prelazia: “Nós encenamos a peça teatral *Meu padim segura o tacho que a quentura vem por baixo*: a história de uma igreja que trocou as escadas, a galhofa e a fortuna pela enxada, a farofa e a borduna”, relembra Félix. Ele reconhece que a Prelazia o incentivou a trilhar pelo caminho das artes: “O que sou hoje devo à Prelazia”.

Embora não tenha conhecido pessoalmente Cerezo Barredo, Félix o admira: “Gosto das cores, dos traços e da sua forma de pintar as pessoas. Gosto ainda mais das gravuras e dos nanquins que ele produz para ilustrar o *Alvorada*”.

Ao contrário das outras peregrinações, quando partia com o roteiro todo definido, nesta viagem tudo que eu sabia era que chegaria a São Félix e de lá partiria de volta para Goiás, depois de toda a caminhada. Sabia também que meu transporte seria o ônibus por estradas de terra, buraco e poeira. Só por muita sorte conseguiria fazer algum trecho subindo ou descendo o Araguaia, de barco, canoa indígena ou voadeira – barco simples movido a pequeno motor.

Assim, no dia seguinte à minha chegada, reuni-me com o Bispo Pedro e o Padre Paulo para definir o roteiro. Não foi difícil. Ambos têm grande experiência de viagens por essas estradas; sabem tudo sobre os transportes disponíveis. No final da conversa, ficou decidido que a irmã Leonira faria a gentileza de entrar em contato com cada uma das equipes das outras seis cidades que eu visitaria, para comunicar o dia da minha chegada.

A irmã Leonira perguntou-me se eu sabia andar de bicicleta e me informou onde poderia alugar uma para passar toda a semana por apenas

25 reais. Foi uma ótima ideia! Pedalar no terreno plano da cidade era bastante fácil. A bicicleta me levava rapidamente para todos os lugares e ainda me permitia saborear um ventinho agradável. Muitos pedalavam pela cidade, e todo mundo me explicava os caminhos com boa vontade.

A experiência da bicicleta repetiu-se nas outras cidades, também planas. Na maioria das vezes, meus hospedeiros me emprestavam suas bicicletas. Só havia morros em Santa Terezinha. E foi justamente em um morro de areia, quando me animei com a brisa no rosto à medida que aumentava a velocidade na descida, que percebi que estava sem freio... Bem, mas isso é outra história, que fica para outro capítulo.

Erotildes, pioneira, pintora e poeta

Com a viúva Erotildes, de 70 anos, dei início a dezenas de conversas com esse povo que fez história, essa mesma gente que Cerezo observava para se inspirar. Ela me esperava em sua casa, no meio de um jardim de árvores grandes e plantas com flores bem-cuidadas. No meio do calor, da secura do verão e das queimadas, senti-me em um paraíso. Frutas no prato para os passarinhos revelavam uma mulher de sensibilidade, que se expressa também por meio dos quadros pintados, pendurados no galpão, onde ela me recebeu e me presenteou com a história de sua vida contada ao vivo e em cores e nos dez livros publicados. Por meio da arte, Erotildes revela seu amor pelo Araguaia com histórias de homens e mulheres fortes, misturando realidade com ficção, lendas, mitos e a alma do povo. A própria história de vida de Erotildes é um exemplo de tudo isso.

Seu pai adotivo foi pioneiro junto com o grupo que veio fundar Luciara, duas horas rio abaixo de São Félix. Em Luciara, ela passou sua infância e começou seus estudos. Entretanto, o que a cidade oferecia era pouco. Assim, a menina franzina começou a juntar dinheiro lavando roupa e, aos 15 anos, disse: “Pai, eu vou nesse barco até Barra do Garça para estudar. Foi uma choradeira muito grande. A viagem de 600 quilômetros rio acima durava mais de uma semana, mas eles acabaram aceitando”.

No entanto, Barra do Garça também era pouco para Erotildes, que seguiu para Goiânia, mas não conseguiu ficar muito tempo. Por causa da saúde de sua mãe, nem chegou a terminar o ginásio. Assim mesmo, foi convidada a lecionar em Luciara. Mais à frente, concluiu o ginásio e o magistério. Com esse estudo e essa vivência, ousou por todas as áreas da cultura disponíveis nas pequenas cidades do Araguaia. Foi professora e diretora de escola até se aposentar; ajudou a fundar o Museu de São Félix; elegeu-se vice-prefeita da cidade, em 1982, pelo PMDB, e tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, Ciências e Artes de Mato Grosso. Entre os livros publicados, há os de poesias, os de prosa e os de crônicas. Também publicou romances, como *Maria Rita da Serra do Roncador* e *Barreira do Araguaia*, no qual mistura ficção e realidade. Em uma de suas belas obras infantis, *Folclore do Araguaia*, conta lendas que ouviu de sua avó sobre personagens como Mãe-d'Água, Mãe da Lua, Boto-Rosa, Caipora, Dragão Dourado, entre outros.

Cada um desses personagens mereceu ilustração feita pela própria Erotildes, com muitas cores, imaginação e cenários do Araguaia: “Minha avó tirava óleo da mamona para fazer candeias. Eu não tinha lápis de cor para desenhar. Então, desenhava no caule das mamonas e de outras árvores usando o espinho da macaúba”.

Em *Meu Araguaia querido*, editado pela Gráfica do Senado, em 1985, Erotildes, com a ajuda de outras professoras, fez um levantamento histórico sobre São Félix do Araguaia, desde a descoberta de ouro em Mato Grosso, em 1719. No livro há de tudo: desde crônicas, histórias vivenciadas, discursos para festas de formaturas e aniversários, fotografias, resultado de eleições, até questões sobre defesa do meio ambiente. Como a maioria dos pioneiros, Erotildes nasceu católica. Ela é amiga da Prelazia, sempre presente e bem informada sobre tudo o que acontece. Em 2002, Erotildes participou do livro *Araguaia, um rio de poesias*, ao lado de outros onze poetas da região, e que teve o prefácio do poeta Pedro Casaldáliga.

Sobre Cerezo, ela disse: “Ele estudou a fundo, não só para ser padre, como também artista plástico. A maioria do povo daqui, que pinta e faz artes, não estudou em academia. Além do dom, Cerezo tem

o estudo. Mas o povo não gosta muito das coisas refinadas, prefere as mais grosseiras. E a natureza ajuda a gente a ser desse jeito. Veja Dom Leonardo, que chegou aqui com pele de bebê do Rio Grande do Sul. Agora, de tanto andar, já está com casco de tartaruga no rosto... O nosso clima quente e seco dá essa proteção. Faz essa exigência: ser duro”.

Natural, o guia ecológico

Dos quatro filhos de Erotildes, Natural é o que mais se parece com ela: poeta, pintor, sonhador e amante do Araguaia. Além disso, Natural vive do que gosta: é guia de ecoturismo. Seu nome de batismo é Matuzalém Pereira Milhomem Júnior. Ao casar-se com a loira Lubschinki, acrescentou o nome dela ao seu e tiveram um menino chamado Baruk. Sua voadeira precisa ser arrastada nas costas de sua casa até a beira-rio. Ela leva turistas para todo tipo de aventura, no rio e nas florestas. Ele mora quase no limite da cidade, depois do Centro Comunitário, atrás do velho cemitério – de onde sai uma trilha que leva às praias do movimentado Festival de Verão realizado durante o mês de julho. Nesses dias, a cidade é invadida por carros, turmas de jovens e inúmeras famílias que vêm de muitos lugares para aproveitar as praias que se formam no lugar em que, na cheia, o rio corria tranquilo. A prefeitura prepara o terreno e a estrada e organiza *shows*, enquanto os moradores montam barraquinhas para arrecadar algum dinheiro e se divertir ao mesmo tempo.

Natural conta que, ainda garoto, atravessava o rio e ia dormir do outro lado. No começo, ele sofreu com as muriçocas, mas depois se acostumou. Dormia de braços abertos olhando as estrelas e dizia: “Parece que todo este mundo é meu!”.

Quando cheguei de bicicleta à casa de Natural – apelido adquirido ainda nos tempos de criança –, ele estava no terraço com um *laptop* sobre as pernas, tomando chimarrão, hábito que aprendeu com sua esposa, que é do Sul. Da casa, construída em uma parte mais alta do terreno, avista-se o nascer do sol sobre o Araguaia. A conversa com Natural foi naturalmente sem pressa. Ele tem a fala mansa, gosta de filosofar e sonhar:

Quero mudar a história, incluindo inovações, contrariando a obediência cega de tudo que vem de pai para filho. O conceito de família não alcançou a realidade de hoje, multidisciplinar. A geração de meus pais, que é autodidata, recebeu a herança de famílias migrantes do Maranhão, desde árabes até índios. Existe aqui no Araguaia uma cultura em estado de hibernação, como um prisma pronto para atravessar o cristal. Por ser ainda um local não atingido pela cultura de massa, há poucos turistas. E, graças ao acesso difícil, preservam-se a cultura tradicional e o meio ambiente.

O povo assumiu traços da cultura de índio. Natural também. Sua bisavó é da tribo Canela.

“Eles não gostam de trabalho exaustivo, nem de hora marcada. As domésticas deixam a patroa na mão durante o mês do festival. E isso é muito natural! A região plana do Araguaia, no centro da América do Sul, traz energia de campos distantes e é um laboratório de ideias e conceitos”, continua esse jovem que, desde os 8 anos, pilotava barcos e dava assistência aos acampamentos de turismo, ao lado do pai.

Em 1998, promoveram um curso de turismo de 860 horas. Natural aproveitou para juntar ao seu conhecimento empírico e intuitivo algum saber da academia. Como guia de turistas, oferece desde simples passeios de barco até aventuras mais radicais:

Há momentos em que se precisa subir em árvore, arrastar a barriga na terra, sentir o chão tremer sem saber de que lado vem a cobra. Às vezes, uma viagem de quatro dias acaba sendo de trinta, e a turma transforma-se em uma grande família. Já nos passeios de aventura mais leves, destinados à terceira idade e a grupos de crianças menores, o percurso pode durar de quatro a seis horas. E isso é só um passeio.

Sobre Cerezo Barredo, Natural, hoje com 42 anos, lembra-se:

Vejo esses murais desde criança. A princípio, não me agradavam; eu sentia medo do olhar daquelas pessoas. E acho que esse é um risco para esses artistas de outros países, outras culturas.

Por isso, eu preferiria que se escolhesse um artista regional. Sei que o Cerezo se esforçava, saía pelas ruas, olhando, conversando. Eu o vi, muitas vezes. Hoje, consigo entender e gostar mais. Além disso, sei que a proposta de nosso Bispo Casaldáliga e de Cerezo é bem diferente da do Vaticano. Lá, Jesus carrega a cruz. Aqui é o povo que carrega a Cruz, e Jesus Ressuscitado vai à frente. É mais realista essa proposta, você não acha?

Benedor e rezadeira

Já o casal de benzedor e rezadeira, seu Paulo, de 87 anos, e dona Helena, de 81, não entende “por que, na pintura da catedral, é o povo que carrega a cruz. Nosso conhecimento é sempre o Cristo carregando a cruz”. E põe conhecimento nesse casal de nordestinos que chegou a São Félix em 1964 à procura de uma vida melhor: “O destino seria Santa Terezinha. Mas, chegando aqui, estavam precisando de servente para construir uma casa na Fazenda Suiá Missu. Eu estava precisando de dinheiro. Acabei ficando por aqui mesmo”.

Em sua casa modesta, de tijolos sem revestimento, como a do Bispo Pedro, a primeira e principal sala, onde fica um enorme altar, pode-se contar uma centena de imagens e quadros de santos e santas envoltos em fitas e flores de plástico e papel. De um canto a outro dessa sala-capela, varais com bandeiras e fitas, como nas festas de São João, dão o tom de alegria e espiritualidade na caminhada da igreja. O casal da Igreja Católica acompanhou as novidades trazidas pelo velho bispo e sempre teve respeitado o seu jeito de rezar e participar da comunidade. Eles organizam as seguintes festas: a de São Sebastião, em janeiro; a de São Félix, em novembro; a de São João e São Pedro, em junho; a de São Lázaro, entre outras. Essas festas costumam durar entre três e nove dias, e o casal lidera as rezas do terço e os benditos.

Na festa de São Lázaro, protetor dos animais, preparam um banquete para os cães: “Temos de alimentar, no mínimo, sete animais. No caso de faltar cães, uma pessoa fica de quatro, com uma corda amarrada no pescoço, e come com eles. A devoção é muito respeitada,

principalmente pelas pessoas com hanseníase, que vêm pagar votos”, explica o benzedor.

Seu Paulo já curou gente de arca caída, peito aberto, “iziplo pé preto” (erisipela). Para cada problema, há um jeito de tratar, e sempre é preciso benzer: “No caso de quebrante em criancinhas que ficam molinhas, eu só benzo. As crianças dão uma dormideira e ficam boas. Nas dores de barriga, trabalho com ervas; dor de cabeça, rezamos o ofício de Nossa Senhora”.

Seu Paulo já cuidou de tanta gente que nem dá para contar: “Quando eu ouvia que tinha gente morrendo, corria para o posto de saúde e benzia”.

Dona Helena, ao seu lado, confirma tudo o que o marido diz. E se lembra quando ela recebeu o título de Cidadã de São Félix, em 1999: “Quando me chamaram lá na frente para receber aquele atestado, como é mesmo o nome? De óbito?”, pergunta. “Não, mulher, de cidadania”, ajuda o marido. “Pois é, esse mesmo. Eu fui lá, recebi e vi que não tinha o nome do meu marido. E eu disse que a gente faz tudo junto e que ele tinha de ser chamado lá na frente também e ter o nome no atestado. Pus a boca no trombone! O povo gostou e aplaudiu”.

Outra história envolve o casal, o bispo e o santo padroeiro do povoado: São Félix. A existência desse santo estava sendo questionada pela Igreja de Roma. A história conta que São Félix de Valois nasceu na França e morreu em 1212. Ele foi fundador da Ordem dos Trinitários, que tinha como carisma o resgate dos cristãos escravos, prisioneiros dos muçulmanos durante as cruzadas. A tradição atribui muitos milagres por meio da intercessão de São Félix, razão pela qual teve seu culto autorizado cinquenta anos após a sua morte.

Passados quatrocentos anos, o prestígio da ordem dos Trinitários crescera muito. Miguel de Cervantes, autor de *Dom Quixote*, foi salvo dos mouros pelos Trinitários. Assim, o culto a São Félix, autorizado

por Roma apenas para as igrejas da região onde o santo viveu, foi estendido a toda a Igreja Católica. A questão foi reaberta mais tarde, pois se perderam os documentos referentes à sua existência; já não havia mais nem o túmulo nem qualquer relíquia do santo. Em razão dessas inconsistências, em 1969, o culto a São Félix voltou a ser restrito à localidade onde ele viveu.

Foi justamente em julho de 1968 que o Padre Pedro Casaldáliga chegou à grande Diocese de São Félix. Em uma área do tamanho de um terço da Espanha, viviam uns seiscentos habitantes, além dos índios. O Bispo Pedro ficou sabendo que os pioneiros haviam escolhido o padroeiro para “protegê-los contra os índios”. No entanto, o bispo, que desde o início tinha como uma de suas causas mais queridas o respeito à cultura indígena e à luta pela recuperação de seus direitos, não gostou nada disso. Em sua visão, quem precisava de proteção eram os índios e não os *tori* (brancos).

A capelinha dedicada ao santo era de adobe com telhado de Brasilite. Quando a igreja caiu, foi construída a nova catedral, dedicada a Nossa Senhora da Assunção, que se tornara a nova padroeira, ao lado de São Félix. Ao mesmo tempo, os membros da equipe do Bispo Pedro passaram a se referir a São Félix como aquele que liberta quem está preso, sem fazer mais referência aos índios. Entretanto, o povo sentia que São Félix havia ficado meio de lado. Por isso, no final de uma reunião da comunidade, seu Paulo levantou a mão, pois tinha um pedido a fazer para o bispo: “Que fosse feita uma bonita imagem de São Félix para ser colocada na Catedral”.

“Não existe esse São Félix; apenas o nome e a história. Mas eu vou viajar para a Nicarágua, que enfrenta uma guerra muito forte. Vou pensar sobre o que você pediu e, quando voltar, dou uma resposta”, respondeu o bispo.

“Ele, então, passou em algum lugar onde viu a estampa de São Félix e trouxe uma fotografia e a história do santo. Depois, ele leu para nós em outro encontro”, relembra seu Paulo.

O Bispo Pedro deixou de se preocupar com essa questão porque, afinal, São Félix não era um protetor contra os índios, mas a história conta que ele lutou pela libertação dos que eram escravizados: “E esta é justamente a nossa luta”. E, ainda por sorte, a festa de São Félix, em 20 de novembro, coincide com a festa de Zumbi dos Palmares, símbolo da libertação dos escravos negros.

A fotografia trazida da América Central serviu de modelo para uma imagem de madeira de lei, em tamanho natural, que foi colocada no lado esquerdo do altar da catedral, para a alegria de seu Paulo e dos demais devotos do santo.

Saúde: eterno problema

Estávamos em plena campanha eleitoral: os candidatos à Presidência da República, Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva, apresentam propostas para o problema da saúde, apontado como uma das questões mais reivindicadas pelo povo brasileiro. Na Prelazia, como em todo o grande interior do Brasil, a gravidade do problema chega à dimensão de calamidade pública. São enormes as distâncias que separam as pequenas cidades – desprovidas de serviços médicos – dos centros urbanos, que oferecem hospitais equipados e serviços especializados. Embora a capital de Mato Grosso seja Cuiabá, a população da Prelazia vai buscar socorro em Goiânia, a quase mil quilômetros de distância, ou em Gurupi, cidade de porte médio do Estado do Tocantins, localizada a cem quilômetros do outro lado do rio Araguaia. As estradas, que, durante a seca, ficam totalmente empoeiradas, tornam-se intransitáveis durante os longos meses de chuva.

Assim, quando vi o Centro Comunitário cheio de gente que participava do Curso de Desenvolvimento Gerencial do Sistema Único de Saúde (SUS), entendi como um presente de Deus para a peregrina. Fiquei mais animada ainda quando soube a temática do primeiro dia: “A memória das questões relacionadas à saúde”.

Uma das coordenadoras me explicou.

A primeira grande dificuldade que enfrentamos são as mesmas normas do governo federal para os mais de 6 mil municípios brasileiros, sem respeitar as grandes diversidades. O outro problema é que o atendimento médico em outros Estados, como Goiás e Tocantins, exige arranjos políticos interestaduais, muitas vezes difíceis. Além disso, faltam médicos, que cobram preços exorbitantes para vir para “este fim de mundo”, e as condições das estradas são muito ruins. Muitas vezes o doente não morre em decorrência da doença, mas sim de acidente nas estradas.

O primeiro palestrante do curso foi apresentado para uma plateia de mais de trinta agentes de saúde dessa regional do SUS como a pessoa mais importante da cidade. Ele disse:

Dom Pedro Casaldáliga é aquela pessoa que deu e segue dando a sua vida pela população da Prelazia há mais de quarenta anos, diferentemente de prefeitos, juizes, médicos, também importantes para o povo, mas que não permanecem muito tempo e têm outros interesses além de servir o povo.

O Bispo Pedro, com seus contatos internacionais, conseguiu dar visibilidade mundial a esse pedaço de Brasil, em tempos de ditadura, de comunicação difícil e de censura. Ao longo de todos estes anos, ele é respeitado internacionalmente e recebe ajuda financeira destinada principalmente às questões que mais afetam o povo: educação e saúde.

Pedro chegou ao Centro acompanhado do pároco, Paulo Gabriel, e da família do escritor espanhol, Francesc Escribano, autor do livro *Descalço sobre a Terra Vermelha*, um relato emocionante sobre a vida do velho bispo. Esse livro, originalmente escrito em espanhol e catalão, foi traduzido para o português e para várias outras línguas. Escribano passava uma semana em São Félix com sua família, para visitar o Bispo Pedro, de quem se tornou grande amigo.

O Bispo Pedro, com sua bengala, parecia ainda mais velho no meio da juventude da plateia. Ainda com leve sotaque da Catalunha, onde nasceu, falou sobre a saúde, e sua voz era baixa e sibilante. Isso, porém, foi

resolvido com o uso do microfone. Sua perfeita lucidez e seu conhecimento da realidade do Araguaia deixaram a plateia em profundo silêncio.

O Bispo Pedro iniciou afirmando que a Prelazia dá grande importância ao resgate histórico da saúde:

No início, falávamos que o Estado estava ausente e éramos os esquecidos: não tinha médico, nem estradas, nem eletricidade. O único hospital de toda essa grande região que vai além da Prelazia era o da Força Aérea Brasileira (FAB), na ilha do Bananal. Também a lancha dos adventistas passava pelo rio e distribuía vermífugo e alguns remédios.

Os principais problemas do povo eram a ausência de estradas para atender às suas necessidades; o conflito com o latifúndio; a saúde ligada à educação. É preciso tratar a pessoa por inteiro – não há doença, mas doentes – na sua inteireza de condições sociais, psicológicas, históricas. Muitas doenças, como a depressão, são provocadas pelo abandono e pela solidão. São doenças do corpo e da alma.

Diante da ausência do Estado, nós tentávamos ajudar com a construção de ambulatórios, a doação de remédios que vinham de nossos amigos da Europa, o trabalho das religiosas, a organização das mulheres, o respeito e o apoio às parteiras e aos raizeiros em torno de seus saberes e fazeres.

Hoje muita coisa melhorou, mas o principal problema do povo continua sendo a saúde. Antes, todos os povoados eram parte de um único município, o Barra do Garça, a 560 quilômetros da Prelazia. Hoje, na Prelazia, somos dezesseis municípios que recebem verbas para saúde, o que, em princípio, facilita bastante. O Estado mais presente dá certo alívio. O povo, mais organizado com seus sindicatos e associações, faz avanços na educação e na saúde. Entretanto, continuam os problemas com os médicos. Eles cobram um absurdo. E ficam pouco tempo nas cidades; ou, então, interessam-se mais pela política e em ser fazendeiros. Os governos federal, estadual e municipal não têm priorizado a saúde e a educação. Muito frequentemente faltam medicamentos. No mês passado, aqui em São Félix, faltava aspirina. E o mais importante: a questão do relacionamento pessoal, não só da

parte dos médicos e enfermeiros, mas de todos os agentes da saúde. É preciso ternura, atenção, gratuidade nas relações! A tradição indígena nos ensina o bem viver. Precisamos desenvolver, uns com os outros, a atitude do cuidado e da gratuidade. Precisamos humanizar a humanidade, a medicina e o ensino.

A boa notícia é que a juventude parece mais interessada em novos caminhos. Num concurso de redação, publicado no jornal *Alvorada*, os temas apresentados pelos jovens demonstram outro olhar sobre a preservação da natureza, a questão das hidrovias, a gravidez na adolescência e os critérios na distribuição das verbas municipais.

Uma das redações denuncia o gasto de 200 mil reais para pagar as bandas que animaram o último Festival de Verão. “Deveriam ser utilizados para outras necessidades mais prementes!”, escreveu um desses jovens.

A plateia silenciosa pareceu-me emocionada e agradecida. Mostrava com o olhar e o sorriso que ouvia precisamente o que necessitava. Foram muitos aplausos. O Bispo Pedro, seu Paulo e a família do Escribano saíram. O seminário continuou.

Ao fazer a memória das dificuldades e dos enfrentamentos dos pioneiros, os participantes lembraram-se dos rezadores, benzedeiros, raizeiros e parteiras que salvaram tantas vidas. A maioria dos agentes presentes ao curso, todos com mais de 20 anos, havia nascido em casa com a ajuda de parteiras.

Seu Paulo, marido de dona Helena, expôs seus conhecimentos:

Fazer remédio e rezar são dons de Deus. A dor ensina a gemer. Muita coisa a gente também aprende com os outros. E vai tentando, tasteando. É importante saber que as benzeduras não servem para tudo. Todas as ervas da mata servem para alguma doença. Mas é preciso saber qual é a dose certa.

Os agentes mostravam no olhar e nos aplausos que gostavam dessas histórias e, na hora das perguntas, acrescentavam outras

histórias. Depois perguntaram ao seu Paulo como via a saúde nos dias de hoje.

Está bem melhor. Tempos atrás, eu ia para o posto pegar ficha às 3 horas da madrugada e já tinha gente lá. Eram somente dez fichas: oito para os doentes e duas para as emergências. O que era bom naquele tempo é que um ajudava o outro. Tinha farmacêutico e dentista prático que arrancavam dente sem anestesia. Mas todos se ajudavam.

Aldenora, técnica em enfermagem, chegou à região em 1988 para trabalhar na Fazenda Suiá Missu:

A maior fazenda do mundo. Pagavam bem aos funcionários e permitiam a gente fazer cursos. Tinha farmácia e médicos de São Paulo. Pelo radioamador, a gente ligava para os médicos em Goiânia, para tirar dúvidas. Tratei muito de picada de cobra e de malária. Tínhamos um microscópio para identificar cada tipo de malária. O atendimento era só para quem trabalhava na fazenda – uns 3 mil homens. Mas eu dava um jeito de atender outros que chegavam lá. Os aviões dos patrões vinham cheios de dinheiro para pagar todo mundo. O grande problema era a mortandade. Era o gato – agenciadores de mão de obra – quem matava e não acontecia nada. Havia poucas mulheres na fazenda. Os homens iam para São Félix, nos fins de semana, para encontrar mulheres.

Depois dos depoimentos, grupos de alunos apresentaram o resultado da pesquisa sobre a história do SUS, em São Félix. Graças a um amontoado de fotografias, em sacos plásticos jogados em um canto da Secretaria da Saúde, o grupo preparou painéis com legendas e os expuseram em um quadro. As fotos revelavam, em meio à simplicidade e à pobreza, um pouco de tudo: o primeiro hospital, o primeiro centro de saúde, mutirões de visão, de vacinação, combate à dengue, trabalhos da pastoral de saúde, atendimento aos índios Xavante, operações de catarata, escovação de dentes para as crianças, raios X, grupo de planejamento familiar, farmácia, entre outros.

No fim da manhã, pediram que eu me apresentasse. Falei sobre o projeto de escrever um livro sobre a região (mas nada explicitamente sobre o enfoque específico nos murais de Cerezo Barredo). E perguntei a eles sobre os principais bens culturais da cidade. Pela ordem, foram sendo citados: o Bispo Pedro, dona Erotildes, a artista plástica Mágila, os Carajá, o rio Araguaia, a Tia Irene, o Cemitério Carajá, as ruínas do Hospital Juscelino Kubitschek etc. Foram catorze citações, mas ninguém mencionou os murais de Cerezo Barredo.

Naquele auditório, 22 presentes eram católicos e sete de outras igrejas. Fiquei desconcertada e fui mais direta. Perguntei se alguém conhecia os murais de Cerezo Barredo. Apenas três pessoas levantaram as mãos. Expliquei que Cerezo era o autor dos murais da Catedral e da Igreja de São José. Muitos, então, levantaram a mão. Ninguém sabia, no entanto, que esses murais haviam sido tombados pelo Iphan.

Saindo dali, procurei o secretário da Educação e Cultura, *Canídia* (em homenagem ao jogador de futebol argentino), Cleber Silvério Freitas. Jovem e bem informado, lamentou-se das escassas verbas e revelou que dedica a maior parte de seu tempo e das verbas à educação. A cultura fica em segundo plano.

Quando eu pedi para ele citar os principais fatos e pessoas envolvidas na cultura, ele iniciou com o Bispo Pedro e, depois, a escritora Erotildes, o Museu, a Biblioteca, dona Helena e seu Paulo, o escultor Édén de Oliveira e, finalmente, os painéis de Cerezo Barredo. Ele também não sabia que os murais haviam sido tombados, mas elogiou suas cores, a luz e a temática, inspirado na Teologia da Libertação: “Sei que o Vaticano implica com isso, mas acho que Deus está com o povo, e o povo carrega a história”.

Ele citou nomes de gente do povo, com sensibilidade cultural, inclusive a sua mãe, Joana de Oliveira, 77 anos, que trabalha com ervas e conhece todo mundo. Ela faz bolo de arroz e pão de queijo para vender de porta em porta.

Dona Joana, da Assembleia de Deus



“Dona Joana de Oliveira, mãe do então secretário da Educação e Cultura, prof. Canídia.”

Na manhã seguinte, fui encontrar a mãe de Canídia em sua casa simples com móveis populares, uma cozinha no fundo se encontrando com o terraço e um terreiro com árvores frutíferas. Ela estava fazendo pão de queijo para uma entrega a ser realizada ainda antes do almoço. Ofereceu-me um pão quentinho e continuou enrolando a massa enquanto conversávamos.

Dona Joana gosta do que faz, em especial de sua atividade na Assembleia de Deus. Ela é responsável pelo culto das crianças. Toda segunda-feira lê a Bíblia para as crianças que gostam e fazem perguntas. Além disso, ela abre seu quintal para a garotada da vizinhança jogar bola. Naquele dia, no entanto, quando os meninos chegaram, ela pediu que não jogassem, pois corria o risco de uma das bolas amassarem seus pães de queijo: “Eu adoro crianças... O povo aqui é muito apegado à família e eu também”.

Além do Canídia, Dona Joana tem outro filho homem e mais três adotivos. Seus dias são sempre assim: de manhã faz pão de queijo

e, de tarde, bolo de arroz. E sai para vender e entregar encomendas. Estávamos no meio da conversa quando apareceu a vizinha, dona Maria José. Logo ela pôs a mão na massa para ajudar a enrolar os pãezinhos. As vizinhas, aparentando a mesma idade, tratam-se de senhora e usam chinela de dedo, vestido solto na cintura, cabelo preso e óculos.

Dona Joana continua falando animadamente. Seu olhar é alegre e emoldurado por um rosto de pele que um dia foi clara, com cabelos lisos castanho-claros quase brancos. A pele grossa, queimada de sol e com rugas profundas, denuncia a dureza de uma vida de trabalho e pouco tempo para o próprio cuidado: “São 77 anos de luta; não é brincadeira. Só resisto porque entrego tudo a Deus e vivo feliz”.

O marido teve um câncer de próstata com complicações na bexiga e foi desenganado. Então, dona Joana, católica de nascimento, recebeu o convite de orar na Assembleia. Quando ele ficou curado, ela mudou de igreja.

A vizinha, da mesma igreja de dona Joana, nasceu católica, como quase todas as pessoas da idade delas nessa região de Mato Grosso. Entretanto, quando dona Maria José se casou com um homem da Assembleia, resolveu passar para a igreja do marido para facilitar a vida dos dois: “Era difícil, no domingo, cada um seguir para um lado. Sei que hoje os jovens vão para onde querem... Mas, quando casei, tinha 18 anos... depois nove filhos, hoje todos casados; tenho netos e bisnetos, espalhados pelo mundo, Goiânia, Cuiabá, Serra Nova e até nos Estados Unidos”.

Percebe-se no meio do povo o ecumenismo natural. Ninguém recrimina os outros por suas opções religiosas. As vizinhas amigas conhecem a catedral que frequentam por ocasião de casamentos, batismos. “Gosto das pinturas do Cerezo. As figuras se assemelham muito com o povo daqui”, diz dona Joana, e a outra concorda. Ambas dão risada.

A conversa e o trabalho continuam. Eu resolvo ajudar também, ensacando os pães de queijo. Quatro pãezinhos em cada sacola. A encomenda é grande, para 80 alunos do curso pré-vestibular da prefeitura que, uma vez por mês, têm aula durante todo o dia de sábado. Da

fornada não saíram pães suficientes... Dona Joana põe a mão na massa outra vez... Opa! Faltou farinha. Ela, com as duas mãos ocupadas, pede-me para procurar a farinha lá dentro da casa. E recomenda: “Vá colocando, devagarzinho, sobre a massa”. Tem que ser a quantidade certa, senão fica muito mole. No momento que sente com os dedos que a massa está no ponto, diz sem cerimônia: “*Pó pará*”.

Nesse instante, uma aluna do cursinho chega de moto para levar os pães, mas eles ainda precisavam ser enrolados e assados. Dona Joana não se aperreia. Diz para ela mandar um motoqueiro em 40 minutos.

A conversa continua. Dona Maria José se lembra de que a amiga saiu quatro vezes de São Félix para tentar a vida em outros lugares. Dona Joana dá risada: “Voltei. Aqui é o meu lugar”. Dona Joana está feliz com a parabólica que lhe permite ver documentários de outras culturas, dos incas, dos quilombolas, em especial nas TVs educativas Futura e Cultura: “Não gosto de programa de violência, em especial na hora do almoço... guerra, bandidos, sangue... não, não gosto”.

Na hora marcada, o motoqueiro não chega, e dona Joana vai para a rua pedir carona a uma moça que passa de moto: “Não tenho capacete para a senhora, dona Joana”. E ela responde: “Faz mal não, ninguém vai notar”. E a motociclista declara: “Eu tenho medo”.

Dona Joana, então, diz um “pera aí”. Dá um pulo na casa da vizinha e chega com o capacete. Entretanto, não tinha como se ajeitar sentada de lado, carregando a grande caixa com os pães e ainda duas garrafas de café. Sobraram para mim as duas garrafas térmicas. Coloquei na cestinha da bicicleta e tentei seguir a moto. Chegamos a uma grande sala de aula, na avenida do rio Araguaia, onde se apertavam os jovens e o professor, filho de dona Joana, o qual tinha uma deficiência nas pernas. Eles iniciaram imediatamente a hora do lanche.

Na volta, dona Joana me pede com naturalidade uma carona na bicicleta. Não me sentia segura, e fomos as duas a pé, ela contando mais histórias e eu empurrando a bicicleta. Os avós de dona Joana tratavam com ervas e benziã. O pai e a mãe eram benzedores:

Eram todos famosos lá em Ipameri, Goiás, de onde vieram. Eu achava bonito curar todas aquelas doenças – quebranto, mau-olhado, bicheira, erisipela... O avô, o pai e a mãe falavam muito dos remédios. Conheciam mais de seiscentas ervas. Quando chegava alguém doente, a mãe dava um chá com muitas ervas, botava para deitar e pôr ventosas. A mãe era muito engraçada, gostava de rir. Quando a pessoa vinha para morrer, que não tinha mais jeito, a mãe fazia o “mal-assado” – ovo, canela, café – e colocava sobre o umbigo do infeliz. Ele dormia e, quando acordava, estava bom.

Como evangélica ela não pode mais benzer, e agora ora muito com os doentes e até consegue curas. “E vendo ervas para todas as doenças”.

Chegando em sua casa, dona Joana me mostra um quarto cheio de frascos com uma grande variedade de sementes, raízes, folhas secas em potes e amontoados para serem separados. Logo em seguida, chega outra comadre, dona Cícera, também cheia de histórias para contar. Dona Joana nos brindou ainda com a história de seu irmão, loiro de olhos azuis: “Quando ele tinha 8 anos, o avô o levou para ajudar a catar erva. Depois, o avô comprou um terno de casimira para dizer que o menino era doutor”. E nós três dávamos mais risadas.

Uma vez eu estava apertada, cheia de dívidas. E uma senhora ouviu falar de mim no salão da cabeleireira. Veio a minha casa e eu vendi 1.800 reais de erva. Era uma brasileira que estudava Neurologia nos Estados Unidos. Eu paguei todos os armazéns atrasados!

Cícera parecia mais jovem que dona Joana. Falou sobre a *Morinda citrifolia*, um fruto muito procurado no momento, mais conhecido por “noni”, que parece uma pinha e cura tudo. “Ora, se cura tudo, não presta”, sentenciou dona Joana. “É... mas o litro de *noni* está custando de 70 a 120 reais”, afirma Cícera.

50 “Dizem que a babosa cura 300 doenças. Não creio: uma erva sozinha não cura nada. Tem que misturar muitas ervas. Já me convidaram

para fazer grupos para ver se a gente entra com as ervas nos Estados Unidos...”, revela dona Joana.

Pelo que entendi, a fé nas ervas, nas orações e nas bênçãos é fundamental nesse ofício de curar, benzer, rezar. Tem de ser a fé que move montanhas. No final da conversa, perguntei às senhoras se conheciam os painéis de Cerezo. Elas conheciam e gostavam. Dona Joana acrescentou: “Os da Catedral representam nosso povo. Quando a gente olha aquele mural, fica mais alegre. Quando a gente cansa do padre falando, olha para o painel, a cruz e aquele povo a carregando. E a gente pensa na nossa cruz. E fica assim, assuntando...”.

Dona Joana conhece também os murais da Igreja de São José, em São Félix, os murais da Igreja de São Pedro, em Vila Rica, e os do Santuário dos Mártires, em Ribeirão Cascalheira:

No Santuário, a gente sente uma energia muito grande. Esse lugar é santo porque todos aqueles mártires deram sua vida pela justiça. Já na Igreja de São José, a pintura é da simplicidade de uma família, com os traços e o jeito de vestir das pessoas simples daqui. É difícil para os crentes aceitarem as pinturas de Cerezo... Um dia, fiquei cismada e saí para comparar. A nossa catedral, tão bonita, além dos murais, tem uma porta de entrada toda entalhada na madeira e um azulejo, azul e branco, de Nossa Senhora da Assunção, também criado por Cerezo... E depois olhei para a Igreja Batista... Não tem nada, não dá nem para comparar!

“Pela terra, para o Reino”

Dona Eva Mendes de Souza, aos 60 anos, dá aulas na escola estadual, há quase trinta. Ela me recebeu numa pequena sala na entrada de sua casa conjugada, no centro de São Félix, vestida com uma camiseta com a frase “Pela terra, para o Reino” e um desenho de Cerezo:

Quando o Bispo Pedro veio morar aqui, ele foi nos visitar lá no Santo Antônio. Era meio dia de viagem. Hoje, pouco

mais que meia hora. Eu também conheci Cerezo aqui em São Félix. Ele participava das reuniões dos movimentos. Sua pintura é bonita, original, parece com a realidade. Ajuda a rezar porque parece com a luta do povo, naquele momento. Luta pela terra. E Jesus na frente, como guia. Eu não entendo de artes, mas fico horas olhando para aquele painel. Nele vejo coisas que nem todo mundo vê. Naquela lua, eu vejo um rosto de mulher. Do lado esquerdo, eu entendo que as casinhas à beira de uma lagoa são como as casas que a gente mora. Do outro lado, as cercas de arame são terras dos grandes fazendeiros, sem liberdade.

A família de dona Eva veio do Piauí. Ela nasceu na roça “na terra dos outros”. Seus pais estavam mudando para Mato Grosso quando chegou a hora de sua mãe: “Um fazendeiro arranchou a família enquanto o pai ia levar sozinho a mudança num batelão. A avó e mais duas irmãs me acolheram. Nasci do lado do Pará, perto da fronteira com Mato Grosso”. Ainda pequena, dona Eva foi morar com a família em Luciara, em 1950. Seu pai fazia de tudo: mariscava, pescava, caçava, era posseiro e tinha roça. Eles mudaram para São Félix em 1962, onde dona Eva terminou o primário. Foi com esse estudo que começou a dar aula. O magistério, só foi terminar com 38 anos, quando já tinha cinco filhos. Depois, fez Pedagogia em um curso a distância:

Foi muito puxado. Tínhamos de fazer projetos, pesquisas, muita leitura. Graças a Deus, existia a biblioteca da Prelazia! O Bispo Pedro fez muito pela educação e pela saúde.

Tinha muita briga naqueles tempos, e eu tinha medo de bala perdida. Tinha também muita injustiça. Um dia, as famílias tinham se organizado para iniciar uma plantação. E já iam começar a colheita quando apareceu um homem dizendo que era o dono da terra.

Dona Eva foi diretora da escola e hoje é coordenadora pedagógica. Entre seus alunos, há de tudo: brancos, índios, negros, crianças, jovens e adultos. Ela faz questão de valorizar a cultura dos índios: “Afinal, eles eram donos de tudo isto aqui. Quando eu era criança, me faziam ter

medo dos índios. Falavam deles e de bichos ferozes como se fossem a mesma coisa”.

Dona Eva lembra-se da Tia Irene, a organizadora do arquivo da Prelazia, que criou também o grupo de mães chamado Arte Nossa:

Era difícil, pois os homens não deixavam suas mulheres sair de casa. Lá, nós fazíamos crochê, pinturas, bordados, culinária, palestras e muita política. Hoje, o prédio está lá, na beira do Araguaia, ao lado da Marinha, fechado por falta de dinheiro. As mulheres trabalham para ganhar dinheiro e ajudar na casa. Na Arte Nossa, o trabalho era voluntário. Os tempos mudaram...

Direitos humanos

Maria José nunca havia tido nenhuma ligação com a Igreja Católica. Natural de Goiânia, entrou na Faculdade Federal de Direito em 1977. Em 1979, teve a oportunidade de ler um poema do Bispo Pedro sobre Che Guevara que a tocou profundamente. Depois, por ocasião do lançamento da *Missa da terra sem males*, em Goiânia, conheceu o autor da obra, Pedro Casaldáliga, e confessou a ele seu desejo de atuar como advogada em sua Prelazia. O bispo a aconselhou a terminar a faculdade e depois ir lá conhecer. Foi o que ela fez em 1982.

Quando Maria José chegou a São Félix, estava acontecendo um Congresso dos Trabalhadores Rurais no Centro Comunitário. Ela participou e se identificou com os objetivos da Prelazia. Voltou a Goiânia já contratada para atuar como agente da pastoral na área dos Direitos Humanos:

O que me trouxe foi o trabalho que a Igreja realizava aqui. Esta forma bonita de vestir a camisa do povo. Eu conheci muitos bispos progressistas, mas nenhum com a humanidade do Bispo Pedro. Ele tem esse seu jeito de ser, tratando com igual respeito e afeição tanto o sineiro como o peão e o prefeito!

A principal tarefa de Maria José, na época, era defender os posseiros que estavam na terra há quarenta ou cinquenta anos. Às vezes, defendia também os peões das grandes propriedades em conflito com seus patrões. E também os direitos dos submetidos a trabalho escravo, realidades que continuam até hoje. Ela também tomou a defesa de muitos agentes da pastoral que foram presos no tempo da ditadura.

Maria José deixou São Félix em 1990, quando aceitou um convite para trabalhar em Brasília, no início com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e depois na Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). Em 2001, um novo convite da Prelazia para trabalhar como assessora jurídica a trouxe de volta a São Félix.

Uma das histórias que me contou, a das orelhas cortadas, posteriormente escutei em diferentes locais com uma diversidade de matizes:

Em 1983, em Confresa, tivemos o conflito das orelhas. Chegaram à região proprietários de grandes latifúndios representantes da indústria e de bancos de São Paulo, ligados à família Monteiro. Eles se disseram donos do povoado de Confresa e quiseram levar sua cerca até o quintal das casas do povoado. Houve resistência, e os latifundiários contrataram pistoleiros, os quais, depois de matarem os que tentavam impedir o avanço sobre seus pequenos quintais de sobrevivência, cortavam-lhe as orelhas para levar como prova diante do patrão. Muita gente desapareceu naqueles dias!

Passados trinta anos, Maria José constata que a região mudou, o povo mudou e a igreja local também mudou. Já não se fala mais de Teologia da Libertação: “Quando cheguei aqui, tinha meio habitante por quilômetro quadrado... Há quatro anos, temos aqui a Defensoria Pública em todas as cinco comarcas atendendo dezesseis municípios da Prelazia”, conta Maria José.

Mesmo assim, Maria José continua fazendo seu trabalho – que não falta – de defesa dos direitos humanos. Ela comprou uma casa ao lado da casa do bispo. Sua afinidade e participação com a equipe sempre

foram muito fortes, de maneira que o Bispo Pedro fez questão de construir um portão entre as duas casas, deixando a passagem mais fácil de um quintal para o outro. Além dessa grande afinidade de luta pelos direitos dos mais fracos, Maria José e Pedro têm um grande amor pelos animais e pela natureza. São muitos os gatos que vivem com Maria José e passeiam com naturalidade pela casa do Bispo Pedro, que não lhes nega um afago sempre que se aproximam. Todos os gatos e gatas são chamados de Geró. Alguns têm apelidos. No livro *Cantigas menores*, Pedro homenageia a primeira Geró com um poema.

Lucas e sua voadeira

Um acaso me fez conhecer Lucas, na casa de dona Joana, onde estava hospedado. Ele é um jovem goiano que cresceu no Rio de Janeiro, onde se formou em engenharia e começou a trabalhar. No primeiro semestre de 2010, resolveu largar tudo por um tempo para conhecer suas raízes goianas.

Ele escolheu o rio Araguaia como roteiro. Com uma mochila nas costas, iniciou sua viagem em Mineiros, Goiás, onde nasce o rio. Ele pretende fazer seus mais de 2 mil quilômetros do rio, passando pelos Estados de Mato Grosso e do Tocantins, até a ilha de Marajó, no Pará. No início, caminhou e pegou caronas, acompanhando o rio pela margem ou por estradas próximas; passou por várias cidades até Ponte Branca, enquanto ia apreciando a nascente se tornar riacho e, finalmente, rio. Pelo caminho ia conhecendo seu povo e os sofrimentos que afligiam o Araguaia, o assoreamento, a poluição... Em Torixoréu (MT), 90 quilômetros rio acima de Barra do Garças, comprou a própria voadeira, pequena barca com motor, para prosseguir a viagem. Ele estava planejando sua partida de São Félix para Luciara...

Exatamente o meu roteiro. Conteí para ele a minha peregrinação, e logo ele me ofereceu uma carona. Ele iria, naquela noite de sábado, para a aldeia Fontoura, do outro lado do Araguaia, e não sabia se voltaria no domingo ou se ficaria mais dias... Eu entreguei nas mãos de

Deus, morrendo de vontade de que a sua vontade fosse a de me ver num barco voando sobre as águas, apreciando a beleza do rio e das margens. Bem longe de um ônibus chacoalhando sobre os buracos da estrada e comendo pó.

Na segunda-feira pela manhã, acordei com tempo e parei na padaria para tomar um cafezinho antes de ir para a oração de Laudes na casa do Bispo Pedro. Ia sempre com minha bicicleta. E lá – Deus seja louvado! – encontrei Lucas. Sim, ele já estava de volta da aldeia Fontoura e partiríamos no dia seguinte. A conversa foi rápida, mas o suficiente para me fazer feliz e sentir, por meio desse jovem, a presença de anjos que me ajudam nessa peregrinação.